



A realidade da linha de frente: Dando voz aos agentes na América do Sul que combatem a exploração

Uma visão concisa das experiências dos agentes na América do Sul que combatem à exploração sexual e laboral¹.

Este resumo busca amplificar as vozes daqueles que estão ativamente envolvidos na linha de frente do combate à exploração sexual e laboral na América do Sul. Ele explora os fatores associados à exploração sexual e laboral na região, enfatizados pelos agentes, que variam desde aqueles bem documentados na literatura acadêmica até outros conhecidos dentro dos círculos de agentes, mas que carecem de uma exploração acadêmica substancial. Além disso, destaca as tendências emergentes nos perfis das vítimas e as consequências da exploração.

Principais conclusões

1. Mineração e tribos indígenas:

A exploração de trabalho e sexual nas minas de Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil foi enfatizada, com destaque para a preocupante exploração das comunidades indígenas. Elas enfrentam realocações forçadas, exposição ao mercúrio em rios poluídos e escravidão.

2. Escravidão moderna e abuso de substâncias:

Os escravizadores promovem ativamente o consumo de álcool e drogas para melhorar o desempenho profissional e como método de manipulação.

3. Vulnerabilidade e causas raízes:

A vulnerabilidade causada por famílias disfuncionais, machismo cultural e pobreza, por exemplo, emerge como um fator fundamental que sustenta o tráfico humano nos países estudados.

4. Influência das redes sociais:

4.1. Disparidades entre as representações online de estilos de vida ricos e as duras realidades da pobreza tornam as pessoas suscetíveis à exploração.

4.2. Um novo perfil de vítima é mencionado, com jovens emocionalmente vulneráveis de famílias de classe média sendo atraídos para a exploração sexual.

4.3. Vídeos sexuais baseados em webcam levam à exploração de mulheres que são coagidas à prostituição após serem cobradas por uso da internet e aluguel de quartos.

5. Desafios de reconhecimento, retorno para casa e impactos na saúde:

5.1. Sobreviventes de exploração têm dificuldade em se reconhecerem como vítimas, enfrentando desafios para identificar sua própria exploração.

5.2. Indivíduos que retornam para casa sem nada podem recorrer à prostituição devido à pressão social e à crença de que o sucesso é necessário para o retorno.

5.3. O estilo de vida difícil da prostituição contribui para problemas de saúde, incluindo ataques cardíacos e infecções, representando riscos significativos para os envolvidos.

Metodologia

Durante a etapa de entrevistas em setembro e outubro de 2023, 95 agentes em toda a América do Sul, representando ONGs, instituições religiosas e órgãos governamentais, foram ativamente contatadas. Um questionário semiestruturado obteve respostas valiosas desses indivíduos. O alcance cobriu todos os 13 países sul-americanos, resultando em 21 entrevistas bem-sucedidas nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai e Venezuela. Foram encontrados desafios para garantir entrevistas em regiões específicas, com dificuldades observadas no Paraguai (11 partes interessadas envolvidas), Guiana (9 contatadas), Suriname (10 agentes) e Guiana Francesa/França (4 contatadas), todos sem entrevistas.

Mineração, exploração sexual e tribos indígenas

Os entrevistados destacaram a questão da exploração de mão de obra e sexual nas minas da Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. Um problema relacionado à escravidão moderna e mineração é a exploração de trabalhadores e terras indígenas. Por exemplo, povos e comunidades indígenas na Zona de Desenvolvimento Estratégico do Arco Mineiro do Orinoco (Venezuela) são forçados a se realocar de seus espaços originais devido ao impacto ambiental e a casos de violência na região. Essa migração os torna vulneráveis à exploração e à escravidão.

O impacto adverso da mineração inclui a ocupação de territórios indígenas, poluição da água com mercúrio (como testemunhado na crise humanitária com os povos indígenas Yanomami no Brasil) e o uso de trabalho infantil em pequenas minas. A exploração sexual de mulheres ocorre em bordéis que atendem aos mineradores, assim como no trabalho rural em fazendas.

Embora os entrevistados não tenham sido questionados especificamente sobre a exploração de comunidades indígenas, todos discutiram a vulnerabilidade experimentada pelos povos indígenas em seus respectivos países. Por exemplo, Ximena Cabrera, do Mecanismo de Mobilidade Urbana no Equador, relatou que meninas indígenas foram encontradas desacompanhadas ou com adultos que não eram seus pais, envolvidas em trabalho de rua e trabalho doméstico, entre outros. Cuesta et al (2015) (Colômbia) enfatizaram que crianças, meninas e mulheres indígenas são particularmente vulneráveis ao tráfico humano para trabalho doméstico, exploração sexual, tráfico de órgãos e trabalho forçado, entre outros.

Escravidão moderna, alcoolismo e dependência química

Miguel Gallegos, representando a ONG Infante na Bolívia e porta-voz das Hermanas Adoratrices, destacou a relação entre exploração e drogas, citando o tráfico de drogas como uma vulnerabilidade significativa na América do Sul. Em uma pesquisa colaborativa entre a Universidade Federal do Mato Grosso e a University of Strathclyde, entrevistas com fiscais do trabalho no Brasil revelaram que empregadores promovem ativamente o consumo de álcool. Essa promoção é baseada na ideia de que melhora o desempenho no trabalho e cria um ambiente mais ameno, assemelhado a um anestésico.

Machismo cultural

Assim como Carla Marroquin da Protect Me, uma representante das Hermanas Adoratrices enfatizou o machismo cultural como um fator que normaliza a exploração sexual e laboral das mulheres. O machismo normaliza o abuso sexual e relega o trabalho doméstico das mulheres a uma forma inerente de trabalho. A entrevistada destacou um caso invisível de abuso sexual rural, enfatizado pela frase comum "o primeiro bocado é do pai", significando que o primeiro encontro sexual de uma menina é com seu pai.

Família disfuncional

Jorgelina Burgos da Dignitate Brasil, Fiorella Rojas da Fundación Renacer Colombia, Marie Henriqueta Cavalcante do Brasil (Instituição Religiosa) e Estefanía Mendoza da Venezuela (ONG Mulier) abordaram os desafios enfrentados por mães solteiras e pobres. Essas mulheres, sem apoio dos pais de seus filhos, buscam emprego para se sustentar a si mesmas e a seus filhos, tornando-as vulneráveis à exploração, especialmente na forma de exploração sexual.

Novo perfil de vítimas

Jorgelina Burgos da ONG Dignitate Brasil destacou um perfil conhecido de vítimas, revelando que nem todas são economicamente vulneráveis. Nos estágios iniciais da pandemia, jovens de classe média de famílias com profissionais empregados se envolveram em redes de prostituição. Essa tendência inesperada sugere que vulnerabilidades emocionais, em vez de fatores puramente econômicos, podem estar impulsionando seu envolvimento. Muitas dessas pessoas, concedidas significativa autonomia desde tenra idade, abrigam um profundo desejo de reconhecimento, amor e consideração, potencialmente contribuindo para sua suscetibilidade a situações exploratórias.

Redes sociais e o sonho de uma vida melhor

O representante das Hermanas Adoratrices destacou uma preocupação significativa - o forte contraste entre as duras realidades da pobreza e os estilos de vida aparentemente perfeitos e prósperos retratados nas redes sociais. Essa dicotomia acentuada torna as pessoas vulneráveis à exploração, pois podem ser atraídas por ofertas de emprego enganosas que prometem oportunidades altamente lucrativas. Esse sentimento também foi compartilhado por Carla Marroquín, da Protect Me.

Exploração sexual através da produção de vídeos sexuais baseados em webcam

Estefanía Mendoza (ONG Mulier) da Venezuela, Ximena Cabrera (Mecanismo de Mobilidade Urbana) do Equador e Fiorella Rojas (Fundación Renacer) da Colômbia destacaram uma tendência preocupante. O uso de webcams para vídeos de striptease é percebido como um empreendimento fácil e lucrativo, promovido por influenciadores digitais. No entanto, a realidade se desdobra de maneira diferente: as mulheres iniciam suas apresentações na webcam em quartos fornecidos por perpetradores, utilizando seus equipamentos, internet e site de escolha. Apesar das alegações de que é ao vivo e não gravado, essas mulheres enfrentam posteriormente acusações por uso de internet e aluguel de quarto. Posteriormente, são chantageadas com vídeos gravados, sendo eventualmente coagidas à prostituição e sujeitas à exploração sexual. Yauli et al (2022) observaram ainda um aumento significativo nos crimes eletrônicos, sendo o contato sexual com menores de dezoito anos o delito mais prevalente na província de Tungurahua, no Equador. Sou uma vítima?

Quanto à dificuldade que as vítimas encontram ao se reconhecerem como indivíduos escravizados, Frei Xavier Plassat da Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Brasil mencionou sobreviventes de trabalho forçado relatando: "Fui tratado pior do que um animal". Jorgelina Burgos, da Dignitate Brasil, também relatou que os sobreviventes têm dificuldade em identificar sua exploração sexual.

Referências

- CUESTA M, Oscar Julián et al. Propostas de sensibilização para a prevenção e meios de comunicação. *Hallazgos*, v. 12, n. 23, p. 251-273, 2015.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Pisando fora da própria sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo. Editora Record, 2004.
- PRADO, Adonia Antunes. Entre lembranças e perdas: a memória que não se cala. In: CERQUEIRA, Alba Cavalcante et al. Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia. Editora UFRJ, 2008
- YAULI, Vicente Leonardo Perez; TAMAYO VIERA, Jorge Oswaldo; MOLINA ARCOS, Ibeth Aracelly. Los tipos de delitos contra la libertad sexual en el contexto social en la provincia de Tungurahua. *Revista Científica UISRAEL*, v. 9, n. 1, p. 159-177, 2022.

¹ Este resumo, elaborado pela Dra. Fernanda Rangel e pela Dra. Katarina Schwarz do Rights Lab da Universidade de Nottingham, foi viabilizado por meio do financiamento da British Academy. São reconhecidas as valiosas contribuições de Iraci Vasconcellos, Juan Siachoque, Rebecca Brown, Alicia Freixas e Andres Morales. É importante observar que as opiniões, descobertas e conclusões expressas neste documento são de responsabilidade dos autores e não necessariamente representam as opiniões da British Academy.

Retorno ao lar após vivenciar exploração

Uma representante das Hermanas Adoratrices compartilhou insights sobre as lutas de indivíduos que embarcam em jornadas em busca de emprego melhor, apenas para enfrentar a humilhação de retornar para casa de mãos vazias, incapazes de realizar seus sonhos de sustentar suas famílias. Em alguns casos, as pessoas são impulsionadas pela crença de que o sucesso é um pré-requisito para retornar para casa - uma situação remanescente do trabalhador itinerante que, tendo sido explorado e ficado sem dinheiro, nunca retorna para casa (Figueira, 2004).

Marie Henriqueta Cavalcante do Brasil e o Dr. Sebastián Salubrista do Chile, doutorando na Flacso, destacaram a falta de apoio comunitário e o abandono vivenciado pelas vítimas, frequentemente injustamente culpadas por sua exploração. As comunidades podem perceber essas pessoas como se estivessem se divertindo em outro país, sem compreender a exploração que sofreram.

Ecoando as observações de Sebastián, Prado (2008) explorou os desafios enfrentados pelas famílias em compreender a exploração e mergulhou nas vidas das esposas de homens escravizados. Em sua visão, elas persistem em casa, cuidando da plantação de babaçu e provendo para sua família, enquanto os homens retornam sem dinheiro, tendo traído ao desviar fundos para outras mulheres e álcool.

Impactos na saúde devido à exploração

A representante das Hermanas Adoratrices lançou luz sobre as horas exaustivas e o estilo de vida rigoroso associado à prostituição. Isso incluía casos de ataques cardíacos e mortes entre donos de bordéis que expressaram fadiga devido a turnos noturnos de trabalho, má nutrição e ausência prolongada de luz solar nas semanas que antecederam seus incidentes infelizes. Mencionou-se que a violência nas relações sexuais dentro da prostituição está relacionada a condições de saúde, como uma alta incidência de câncer, juntamente com infecções na boca e áreas genitais, e gravidezes indesejadas resultantes de clientes insistindo em relações desprotegidas, levando ao evidente risco de HIV.